

Akira Kurosawa



Akira Kurosawa

Depois das operações Yasujiro Ozu e Kenji Mizogucchi, com cópias digitais restauradas e a estreia comercial de muitos dos seus filmes até à data inéditos em sala em Portugal, a Leopardo Filmes continua o seu trabalho de divulgação do grande cinema japonês e dedica agora uma operação especial a AKIRA KUROSAWA, o outro grande mestre do cinema nipónico, e aquele que mais contribuiu para o seu conhecimento e divulgação no Ocidente. São 7 filmes do período de maior glória do cineasta, em cópias digitais restauradas, 5 dos quais inéditos em sala e que se estreiam agora finalmente no nosso país.

7 FILMES DE AKIRA KUROSAWA

LEOPARDO www.leopardofilmes.com • www.medeiafilmes.com medeiafilmes



CINEMA MEDEIA NIMAS TEATRO CAMPO ALEGRE

Em sala a partir de 17 de Setembro

OS SETE SAMURAIS

Estreia 17 Setembro
1954 • Cópia Digital Restaurada

YOJIMBO, O INVENCÍVEL

Estreia 24 Setembro
1961 • Cópia Digital Restaurada

VIVER - IKIRU

Estreia 1 Outubro • 1952 *

A FORTALEZA ESCONDIDA

Estreia 8 Outubro
1958 • Cópia Digital Restaurada *

DODESKADEN

Estreia 8 Outubro • 1970 *

* Inéditos comercialmente em Portugal

O BARBA RUIVA

Estreia 15 Outubro

O TRONO DE SANGUE

Estreia 15 Outubro
1957 • Cópia Digital Restaurada *

Para além do cinema Medeia Nimas, em Lisboa, e Teatro Campo Alegre, no Porto, os filmes serão também exibidos no Auditório Charlot, em Setúbal, no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra, no Theatro Circo de Braga e no Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz, em datas a anunciar.

« O cinema tem tantas semelhanças com as outras artes... Se tem muitas características da literatura, também as tem do teatro, ou mesmo um lado filosófico, atributos da pintura e da escultura, e elementos musicais. [...] Mas há algo muito especial nos filmes que é puramente cinemático. Quando faço filmes ou vou ver os filmes de outros cineastas, é à procura dessa experiência.»

Akira Kurosawa

Celebramos este ano o centésimo décimo aniversário de Akira Kurosawa (1910-1998), que, com Mizoguchi e Ozu, é um dos grandes Mestres do cinema japonês. É a ele que nós devemos, é a ele que o cinema japonês deve, a descoberta no Ocidente de uma das mais fascinantes cinematografias da história do cinema.

Último de sete irmãos, foi com o pai, descendente de uma antiga família de samurais, que cedo começou a ir ao cinema e viu muitos filmes europeus e americanos. Mais tarde, com o seu irmão Heigo, benshi de profissão (narrador de filmes no período do mudo), com o qual, contra a vontade da família, foi viver para um bairro proletário e boémio, passou a ter acesso livre às salas de cinema. Esta "primeira escola", que foi fundamental para a formação do jovem Akira, terminaria com o suicídio de Heigo, na sequência da chegada do sonoro, que arrastou todos os benshi para o desemprego. É então que AK resolve candidatar-se a um posto de assistente de realização num estúdio cinematográfico. Aí começará uma nova etapa na sua formação. Um dos examinadores era o célebre realizador Kajiro Yamamoto, que ficou impressionado com a cultura cinematográfica de Kurosawa. Ao longo dos sete anos de aprendizagem no estúdio, AK foi assistente em vários dos filmes de Yamamoto (que considerou "o maior mestre da sua vida"; por seu lado, este dizia que Kurosawa possuía um talento inato). No início dos anos 40, num período extremamente conturbado (a guerra, uma censura implacável), Kurosawa tenta tornar-se realizador e consegue, depois de vicissitudes várias, fazer o seu primeiro filme, nos estúdios Toho, em 1943.



1951 será um ano especial para Kurosawa e para o cinema japonês. Rashomon / Às Portas do Inferno, o seu 12º filme, conquista o Leão de Ouro em Veneza, a que juntaria depois o Óscar de Melhor Filme Estrangeiro. Este triunfo chamaria a atenção do Ocidente para o cinema que se fazia (e o que antes deste se fizera) no Japão. E se Mizoguchi e Kinugasa, ou depois Ozu e Naruse, e a geração contemporânea de AK, começaram a ser vistos e a despertar a atenção no Ocidente, foi através desta porta aberta por Kurosawa.

Começa a partir daqui o período de maior glória do cineasta, o das suas obras mais célebres, que veremos neste ciclo de 7 filmes, quase todos eles em cópias digitais restauradas, 5 deles inéditos comercialmente em sala em Portugal. Como escreveu Manuel Cintra Ferreira, Viver (1952) e Dodeskaden (1970) balizam a fase de ouro da obra de Akira Kurosawa, e o corpo principal da sua obra "encontra-se entre estes dois filmes, por mais admiráveis que tenham sido alguns dos que fez depois".

Viver - Ikiru (1952, inédito comercialmente em sala em Portugal), que no ano de estreia figurava à cabeça da lista dos melhores filmes para os críticos japoneses, e que para André Bazin, aquando de uma retrospectiva do cinema japonês em Paris, uns anos mais tarde, foi "o mais belo, o mais sábio e o mais comovente dos filmes japoneses que [lhe] fora dado ver";









Os Sete Samurais (1954), outra das obras-primas de Kurosawa, sobre a qual o realizador afirmou: "Um filme de acção pode não ser mais do que um filme de acção. Mas como é maravilhoso se ele puder ao mesmo tempo pintar a humanidade! Esse foi sempre o meu sonho desde a época em que era assistente de realização. Depois destes anos todos, sonho reconsiderar o drama antigo a partir deste ponto de vista";

O Trono de Sangue (1957, inédito comercialmente em sala em Portugal), um dos filmes maiores do realizador, uma das melhores adaptações do *Macbeth* de Shakespeare ao cinema (como escreveu Manuel Cintra Ferreira, "aquela em que melhor se sente o som e a fúria da tragédia do grande do isabelino");

o genial **A Fortaleza Escondida** (1958, inédito comercialmente em sala em Portugal), súmula da arte de AK, que aqui utiliza pela primeira vez o *cinemascope* e que se tornou um tal êxito que lhe veio permitir fundar a sua própria produtora;

Yojimbo, o Invencível (1961), o seu filme mais popular, um dos maiores êxitos do cinema japonês de sempre. Kurosawa dizia que na base desse sucesso estava o carácter do herói, Sanjuro (extraordinária interpretação do grande actor Toshiro Mifune, que fez 17 filmes com o realizador), um verdadeiro herói, que, quando luta, tem uma razão para o fazer;

por outro lado, **O Barba Ruiva** (1965, inédito comercialmente em sala em Portugal), marca o fim de uma época: a crítica rende-se por inteiro ao cineasta, e este filme é um dos objectos mais fascinantes que realizou, mas fala-se também agora da "megalomania" dos seus projectos, do seu exagerado perfeccionismo, da sua "desmesura", do tempo demasiado que levou a fazê-lo. E, apesar de um razoável sucesso de bilheteira, o filme não conseguiu pagar-se.

Começa aqui um período mais difícil para o cineasta, um período de incompreensão, que leva a que o seu filme seguinte, **Dodeskaden** (1970, inédito comercialmente em sala em Portugal), o último que veremos neste ciclo essencial, só se concretize 5 anos depois. Como resposta a um período

depressivo, Kurosawa rodou este filme admirável em 4 semanas, com baixo orçamento ("fiz o filme para provar que não tinha enlouquecido"). Dodeskaden, contruído sobre narrativas irónicas, entrelinhas, ilusões, como sublinhou o escritor Pedro Eiras, inspira-se em Gorki e num romance do japonês Yamamoto, e é nele que Kurosava utiliza pela primeira vez a cor, com o olhar do pintor Rokuchan (recorde-se que, na sua infância, fora um professor de desenho que despertara o interesse do jovem Akira pela escola; de resto, o desenho e a pintura foram actividades que sempre continuou a praticar).O realizador afirmou: "Rokuchan simboliza o artista, o cineasta, que cria única e exclusivamente por meio da sua imaginação, neste caso o caminho de ferro imaginário, isto é, o cinema". É um filme de resistência, um filme de sobrevivência, das personagens que o habitam e de um realizador, de um homem com uma sabedoria desconcertante, simultaneamente tão humana e sobre-humana. Pouco tempo depois da sua estreia Kurosawa teve uma tentativa de suicídio, felizmente malograda.

O que se seguiu, sabemo-lo, espectadores portugueses, já que os filmes que realizou a partir desta data foram distribuídos em Portugal. Vários deles pela Atalanta Filmes e pela Leopardo Filmes, sua sucessora, em estreia ou reposição em cópias restauradas, e que terão projecções especiais no âmbito deste ciclo: Derzu Uzala, A Águia das Estepes (1975, que realizou a convite dos soviéticos, e é um "regresso" à sua juventude, uma obra que parte dos romances de viagens de Vladimir Arseniev que lera em adolescente – o filme conquistou o Óscar de Melhor Filme Estrangeiro e fez renascer Kurosawa); e os derradeiros, mais intimistas e num registo mais pessoal, Rapsódia em Agosto (1991) e Madadayo/ Ainda Não! (1993).

Akira Kurosawa, que percorreu quase um século de cinema, morreu em 1998, em Tóquio, a cidade onde nascera. Aclamado pela crítica e amado pelos seus pares (Samuel Fuller, Scorsese, Coppola, Spielberg, Lucas...), não só abriu as portas do Ocidente ao cinema japonês, como foi o mais internacional dos seus cineastas, tendo vários dos seus filmes sido objecto de remakes: John Sturges realizou The Magnificent Seven (1960), remake de Os Sete Samurais,

A K 7

Rashomon foi transposto como western por Martin Ritt (The Outrage, 1964), Yojimbo por Sergio Leone (Por um Punhado de Dólares, 1964)... Em 1985, Chris Marker dedicou-lhe o filme A.K..

Leopardo Filmes

« Deixem-me dizer o seguinte: Kurosawa foi o meu Mestre. E o Mestre de muitos outros realizadores. [...] A primeira vez que o grande realizador Michael Powell viu [um filme de] Kurosawa, a sua concepção do que um filme poderia ser, do que o cinema poderia fazer, mudou por completo. Podem imaginar o que sentíamos, nós que éramos novos e cujos olhos se abriam para o cinema, podem imaginar o impacto daquele grau de mestria. Ainda sinto o mesmo choque, o mesmo maravilhamento quando vejo os filmes hoje. [...] É como se os visse pela primeira vez. Akira Kurosawa ensinou-nos tanto, deu-nos tanto [...] Foi o nosso grande Mestre, o nosso sensei. »

Martin Scorsese

« Akira Kurosawa foi um dos maiores artistas do século XX, um artista seminal em vários sentidos. Não só no Japão, mas no mundo inteiro. [...] Foi um gigante. »

Richard Gere

« Desde o seu primeiro filme, Sugata sanchiro, até ao último, Madadayo, Akira Kurosawa foi um 'maestro' para toda a minha geração. E para todas as gerações de realizadores que vêem filmes, são inspirados pelos filmes e aprendem com os filmes. E isto é algo que nunca esquecerei. Aprendi mais com ele do que com qualquer outro realizador no mundo inteiro. »

Steven Spielberg

« Uma coisa que distingue Akira Kurosawa é que ele não fez apenas uma ou duas obras-primas. Ele fez oito obras-primas! »

Francis Ford Coppola







Os Sete Samurais

SHICHININ NO SAMURAI

1954 - Cópia Digital Restaurada

Estreia a 17 de Setembro

Realização: Akira Kurosawa

Argumento: Shinobu Hashimoto, Hideo Oguni, Akira Kurosawa Director de Fotografia (35mm, 1,33, preto & branco): Asakuzu Nakai

Direcção Artística: Takashi Matsuyama

Música: Fumio Hayasaka Montagem: Akira Kurosawa Som: Fumio Yanoguchi

Interpretação: Takashi Shimura (Kambei, o chefe), Toshiro Mifune (Kikuchiyo, o camponês), Yoshio Inaba (Gorobei), Seiji Miyagushi (Kyuzo, o mestre de combate com sabre), Minoru Chiaki (Eikachi), Daisuke Kato (Shichiroji), Ko Kimura (Katsushiro)

Produção: Toho (Tóquio) | Duração: 207 minutos

Estreia em Portugal: Lisboa (Cinema Eden), em 29 de Março de 1968; reposição (versão integral) em Lisboa (Cinema King, Atalanta Filmes), em 26 de Novembro de 1993.

No século XVI, exasperados com as incursões de grupos de bandidos, que lhes roubam as colheitas e as mulheres, um grupo de camponeses pede auxílio aos samurais. Seis guerreiros, chefiados por Kambei e pelo filho de um camponês, decidem defender os camponeses sem receber pagamento, apenas casa e comida, pois têm a convicção de cumprir um dever.

Festivais e Prémios:

Festival Internacional de Veneza 1954 – Leão de Prata Óscares 1954 – Nomeado na Categoria de Melhor Direcção de Arte e Melhor Figurino



"Todos os filmes japoneses tendem a ser assari shite iru [leve, claro e simples mas puro], tal como ochazuke [um prato de arroz temperado com chá verde] mas penso que devemos ter pratos mais ricos, assim como filmes mais ricos. Por isso pensei em fazer um filme que fosse suficientemente envolvente como que para comer.

ſ...

Um filme de acção pode não ser mais do que um filme de acção. Mas como é maravilhoso se ele puder ao mesmo tempo pintar a humanidade! Esse foi sempre o meu sonho desde a época em que era assistente de realização. Depois destes anos todos, sonho reconsiderar o drama antigo a partir deste ponto de vista."

Akira Kurosawa

"Kurosawa oferece-nos beleza no meio da razão, uma espécie de garantia quando tudo o resto é posto em causa. Ao mesmo tempo que questiona acções, esperanças, pensamentos, joga deliberadamente com as nossas emoções e também nós nos abrimos e regressamos à infância. Numa sequência final profundamente subtil e misteriosa, Kurosawa anuncia a esperança. No final de contas, somos todos humanos; todos sentimos o mesmo - no fundo, todos somos camponeses."

Donald Richie, The Films of Akira Kurosawa

Yojimbo, o Invencível

YOJIMBO

1961 - Cópia Digital Restaurada

Estreia a 24 de Setembro

Realização: Akira Kurosawa

Argumento: Akira Kurosawa e Ryuzo Kikushima

Director de Fotografia (35mm, Tohoscope, preto & branco):

Kazuo Miyagwa

Cenários: Yoshiro Murakai Música: Masaru Sato Montagem: Akira Kurosawa

Som: Hisashi Shimonaga e Chohichiro Mikami

Interpretação: Toshiro Mifune (Sanjuro Kuwabatake), Eijiro Tono (Gonji, o vendedor de saké), Kamatari Fujiwaea (Tazaemon, o mercador de seda), Takashi Shimura (Tokuemon, o mercador de saké), Seizaburo Kawazu (o escudeiro de Tazaemon), Isuzu Yamada (Orin, mulher de Seibei), Hiroshi Tachikawa (Yoichiro, seu filho)

Produção: Filmes Kurosawa e Toho (Tóquio)

Duração: 110 minutos

Estreia em Portugal: Porto (Cinema Estúdio), 8 de Julho de 1969.

Uma pequena cidade a norte de Tóquio vive sob o domínio de dois grupos de bandidos: um deles protege os mercadores de seda, o outro os de saké. Um samurai mercenário, Sanjuro Kuwabatake, vende os seus serviços às duas quadrilhas e assiste à destruição recíproca dos inimigos. Porém, a chegada de Unosuke, irmão de um dos chefes rivais, munido de uma arma de fogo única em toda a região, vai endurecer o conflito. Fingindo aliar-se a Unosuke, Sanjuro Kuwabatake mata vários dos seus asseclas até ser finalmente descoberto e preso. Entretanto, a batalha final aproxima-se.



Festivais e Prémios:

Festival Internacional de Veneza 1961 – Prémio Volpi Cup para o Actor Toshirô Mifune e Prémio Novo Cinema Óscares 1962 – Nomeado na Categoria de Melhor Figurino

"A história é tão idealmente interessante que é surpreendente que até então ninguém tenha pensado nela. A ideia é acerca da rivalidade entre dois lados, e ambos os lados são igualmente maus. Todos sabemos como isso é. Eis-nos aqui apanhados no meio, sendo impossível escolher entre os dois males. Eu próprio sempre desejei, de uma forma ou de outra, acabar com essas absurdas batalhas de maus contra maus, mas todos nós somos mais ou menos fracos - nunca fui capaz disso. E é por isso que o herói deste filme é diferente de nós. Ele é capaz de ficar firmemente no meio, e acabar com o combate. E foi nisto - nele - que pensei em primeiro lugar e foi o começo do filme na minha cabeça."

Akira Kurosawa

"Sempre fui um grande fă de Akira Kurosawa. Foi essa admiração que me fez entrar em Por um Punhado de Dólares/A Fistful of Dollars. Só fui filmar com Sergio Leone porque sabia que ele estava a fazer um remake de Yojimbo, um dos grandes filmes de Kurosawa. Mesmo sem nunca ter trabalhado com ele, Kurosawa teve uma enorme influência na minha vida, simplesmente porque gostava tanto dos seus filmes. Se não fosse assim, provavelmente não teria feito A Fistful of Dollars e a minha vida teria sido muito diferente."

Clint Eastwood

Viver

IKIRU

1952 - Inédito comercialmente em Portugal

Estreia a 1 de Outubro

Realização: Akira Kurosawa

Argumento: Shinobu Hashimoto, Hideo Oguni e Akira Kurosawa Director de Fotografia (35mm, 1,33, preto & branco): Asakazu Makai

Direcção Artística: So Matsuyama

Música: Fumio Hayasaka Montagem: Akira Kurosawa Som: Fumio Yanoguchi

Interpretação: Takashi Shimura (Kanji Watanabe), Nobuo Kaneko (Mitsuo Watanabe, filho de Kanji), Kioko Seki (Kazue Watanabe, a mulher de Mitsuo), Makoto Kobori (Küchi Watanabe), Kumeko Urabe (Tatsu Watanabe), Yoshie Minami (a criada), Miki Odagiri (Toyo Odagiri).

Produção: Toho (Tóquio) Duração: 143 minutos

Kanji Watanabe, funcionário municipal é informado que tem um cancro e que só lhe restam três meses de vida. Reconhecendo o vazio que foi a sua vida, Watanabe empenha-se na transformação de um terreno baldio num parque onde as crianças possam brincar, um projecto ao qual destina todas as suas forças. Frequentemente comparado a Citizen Kane em virtude da sua linguagem cinematográfica inovadora, Ikiru/Viver é não só uma das maiores obras de Kurosawa, como também um dos mais importantes filmes da história do cinema.

Festivais e Prémios:

Festival Internacional de Berlim 1954 – Selecção Oficial Em Competição e Prémio Especial do Senado de Berlim



Festivais e Prémios:

Festival Internacional de Veneza 1961 – Prémio Volpi Cup para o Actor Toshirô Mifune e Prémio Novo Cinema Óscares 1962 – Nomeado na Categoria de Melhor Figurino

"Por vezes penso na minha morte. Penso em deixar de ser. Penso - como poderia suportar o meu último suspiro? Enquanto vivo esta vida, como poderia suportar deixá-la? Tenho ainda, sinto, tanto para fazer. Sinto sempre que vivi tão pouco. Isto deixa-me pensativo, mas não triste, e foi destes pensamentos que surgiu Viver."

Akira Kurosawa

"Penso que Viver é possivelmente o mais belo, o mais sábio e o mais comovente filme japonês que já vi, pelo menos, entre as produções modernas. [...] Certamente, e por uma centena de razões profundas, Viver é um filme especificamente japonês, mas o que impressiona nesta obra e se impõe ao espírito é o valor universal da sua mensagem. Mais precisamente, Viver é japonês como M - Matou era alemão ou Citizen Kane americano. Não há necessidade de tradução mental de um modo de cultura para outro para ler claramente, e ao mesmo tempo, a inspiração particular e a significação geral. A universalidade de Viver não é geográfica mas geológica; ela surgiu nas profundezas do lençol moral subterrâneo onde Kurosawa a soube ir procurar."

André Bazin, Cahiers du Cinéma

A Fortaleza Escondida

KAKUSHI TORIDE NO SAN-AKUNIN

1958 - Cópia Digital Restaurada Inédito comercialmente em Portugal

Estreia a 8 de Outubro

Realização: Akira Kurosawa

Argumento: Shinobu Hashimoto, Ryuzo Kikushima, Hideo Oguni,

Akira Kurosawa

Director de Fotografia (35mm, Tohoscope, preto & branco):

Kazuo Yamasaki

Direcção Artística: Yoshiro Muraki, Kohei Ezaki

Música: Masaru Sato Montagem: Akira Kurosawa Som: Fumio Yanoguchi

Interpretação: Toshiro Mifune (General Rokurota Makabe), Misa Uehara (Princesa Yukihime), Takashi Shimura (General Izumi Nagakura), Susumi Fujita (General Hyoe Tadokoro), Eiko Miyoshi (uma aia), Minoru Chiaki (Tahei, o camponês gordo), Kamatari Fujiwara (Mataschishi, o outro camponês).

Produção: Masumi Fujimoto e Akira Kurosawa, para a Toho (Tóquio)

Duração: 139 minutos

No século XVI, durante as guerras civis que assolam o Japão, uma princesa, a sua família, os seus guerreiros e o seu tesouro são perseguidos. A cabeça da princesa está a prémio. A princesa parte em busca de refúgio com um general, dois camponeses que este capturara, e o tesouro. Para chegar a uma região segura, o grupo deve atravessar território inimigo.

Festivais e Prémios:

Festival Internacional de Berlim 1959 - Urso de Prata e Prémio FIPRESCI



"Pela primeira vez, filmei em cinemascope [tohoscope]. Fiquei encantado, uma vez que sempre me irritara o mau enquadramento do 35 mm. [...] Foi um filme imensamente difícil de fazer. Durante as filmagens no Monte Fuji, éramos surpreendidos por tufões que arrasavam o nosso cenário. O clima na base do monte é muito inconstante e recordo-me de que, a certo ponto, esperámos mais de uma centena de dias pelo bom tempo e, por isso, o filme ultrapassou consideravelmente os três meses de produção inicialmente previstos."

Akira Kurosawa

"Kurosawa terá pensado: se o filme de época é frequentemente um exercício em heroísmo vazio, então este filme terá ainda mais heroísmo e não será vazio; se é uma opereta disfarçada com canções e danças, então eu vou desmascará-la; se é um conto de fadas por realizar, então eu vou realizá-lo. O resultado é aquilo a que chamam um drama de acção, mas um exemplar tão belo, tão imaginativo, tão cómico, tão terno, e tão sofisticado, que se tornou um dos filmes mais encantadores alguma vez feitos por Kurosawa."

Donald Richie, The Films of Akira Kurosawa

Dodeskaden

1970 - Inédito comercialmente em Portugal

Estreia a 8 de Outubro

Realização: Akira Kurosawa

Argumento: Akira Kurosawa, Hideo Orguni, Shibobu Hashimoto,

com base em oito dos quinze contos de *Bairro sem Sol*, de Shugoro Yamamoto

Directores de Fotografia (35mm, 1,66, Eastmancolor): Takao Saito,

Yasumichi Fukusawa

Direcção Artística: Yoshiro Muraki, Shinobu Muraki

Cenários: Fumio Yanoguchi, Hiromitsu Mori

Música: Toru Takemitsu Montagem: Reiko Keneko Som: Fumio Yanoguchi

Interpretação: Zuchi Yoshitaka (Rokuchan, o rapaz louco), Kin Sugai (a mãe de Rokuchan), Junzaburo Ban (Yukcihi Shima), Kiyoko Tange (a mulher de Shima), Michio Hino (Ikawa), Tatsuhei Shimokawa (Nomoto), Keiji Furuyama (Matsui), Hisasbi Igawa (Masuo Masuda).

Produção: Yonki-No-Kai e Toho (Tóquio)

Duração: 136 minutos

O filme consiste em diversos episódios da vida dos habitantes de um pequeno bairro de lata: bebedeiras, sonhos, depressões, casos de adultério, a luta pela vida de todos os dias. Um rapaz conduz um comboio imaginário, um outro, que procura comida nos caixotes de lixo dos restaurantes, sonha em encontrar o pai, uma rapariga faz flores artificiais para sustentar o avô alcoólico. O "chefe" informal do grupo é o velho Tamba, um velho artesão, capaz de tudo perceber e de tudo perdoar.



Festivais e Prémios:

Festival Internacional de Veneza 1971 – Prémio OCIC Óscares 1971 – Nomeado na Categoria de Melhor Filme Estrangeiro

"Fiz o filme para provar que não tinha enlouquecido. [...] Se eu tivesse realizado este filme de forma séria, ele ter-se-ia tornado insuportavelmente depressivo. 'Tornem-no brilhante, luminoso, enternecedor', disse à minha equipa."

Akira Kurosawa

"Raramente se sentiu tanto que tudo reside na relação com o outro: os enquadramentos de Kurosawa fazem-nos perceber isso, cena após cena, a experiência sensível. [...] O que Dodeskaden apresenta não é apenas a dilatação do mundo, mas a sua verdade que se encontra presa, inexoravelmente, aos laços sociais e afectivos."

Vincent Amel, Positif

O Barba Ruiva

AKAHIGE

1965 - Inédito comercialmente em Portugal

Estreia a 15 de Outubro

Realização: Akira Kurosawa

Argumento: Akira Kurosawa, Masato Ide, Hideo Oguni, Ryuzo Kikushima, a partir do romance *Akahige Shinryodan*, de Shugoro Yamamoto

Director de Fotografia (70 mm, preto & branco):

Azakasu Nakai e Takao Saito Cenários: Yoshiro Muraki Música: Masaru Sato

Montagem: Akira Kurosawa

Som: Shin Watari e Hisashi Shimonaga

Interpretação: Toshiro Mifune (Kyojo Niide, o Barba Ruiva), Yuzo Kayama (Noburu Yasumoto, o aprendiz), Chishu Ryu (o seu pai), Kinuyo Tanaka (a sua mãe), Yoko Naito (a sua noiva), Ken Mitsuta (o pai da noiva), Yoshio Tsuchiya (Handayu Mori), Tatsuyoshi Ehara (Genzo Tsugawa).

Produção: Kurosawa Films - Toho (Tóquio)

Duração: 185 minutos

Inícios do século XIX. Após estudar medicina durante vários anos em Nagasaki, o jovem Naburo Yasumoto regressa a Edo com a esperança de ser nomeado para a equipa médica da Corte. Apanhado de surpresa ao ser nomeado para uma clínica pública, Yasumoto desrespeita deliberadamente as regras do hospital. Aos poucos, porém, o jovem começa a respeitar o chefe da clínica, Barba Ruiva, um homem íntegro, que vê em cada doente "uma desgraça da vida". Quando Otoyo, uma adolescente condenada à prostituição, adoece física e moralmente e procura os cuidados da clínica, o Barba Ruiva encarrega Yasumoto de curá-la.



Festivais e Prémios:

Festival Internacional de Veneza 1965 – Prémio San Giorgio, Prémio OCIC e Prémio Volpi Cup para o Actor Toshirô Mifune

"Tinha algo de muito especial em mente quando fiz este filme porque queria fazer algo que o meu público quisesse ver, algo tão magnífico que as pessoas simplesmente tivessem de o ver. Para fazê-lo, todos trabalhámos mais do que alguma vez havíamos trabalhado, esforçámo-nos por atentar a todos os detalhes, estávamos dispostos a passar por qualquer tipo de dificuldade. Foi muito difícil e por duas vezes fiquei doente. Mifune e Kayama também adoeceram uma vez cada um."

Akira Kurosawa

"Se a figura do médico bom fascina Kurosawa é porque o Barba Ruiva consegue fazer o que o realizador tentou fazer: ler o mundo como um livro, localizando e descodificando o seu sistema de sinais. Neste aspecto, e apenas neste, há, de facto, um Deus oculto no seu vigésimoquarto filme: Barba Ruiva é, secretamente, o Deus de Kurosawa."

Jean-Michel Frodon in The Hidden God: Film and Faith

O Trono de Sangue

KUMONOSU-JO

1957 - Cópia Digital Restaurada Inédito comercialmente em Portugal

Estreia a 15 de Outubro

Realização: Akira Kurosawa

Argumento: Shinobu Hashimoto, Ryuzo Kikushima, Hideo Oguni, Akira

Kurosawa, segundo Macbeth de William Shakespeare Director de Fotografia (35mm, 1,33, preto & branco):

Asakazu Nakai

Direcção Artística: Yoshiro Muraki, Kohei Ezaki

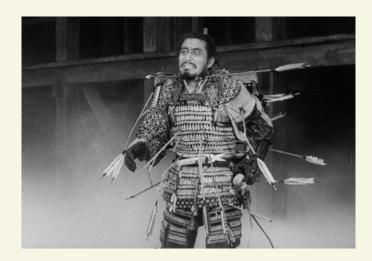
Música: Masaru Sato Montagem: Akira Kurosawa Som: Fumio Yanoguchi

Interpretação: Toshiro Mifune (Taketoki Washizu - "Macbeth"), Isuzu Yamada (Asaji - "Lady Macbeth"), Minoru Chiski (Hoshiari Miki-"Banquo"), Takamaru Sasaki (Kuniharu Tsuzuki rei "Duncan"), Takashi Shimura (Noriyasu Odagura), Akira Kubo (Yoshiteru, filho de Miki - "Fleance"), Yoichi Tachikawa (Kunimaru NIDU "Malcolm"), Chieko Naniwa (uma bruxa), Takashi Shimura (Noriyasu Odagura – "Sirward").

Produção: Shojiro Motoki, Akira Kurosawa, para a Toho (Tóquio) Duracão: 110 minutos

O general Washizu e o general Miki perdem-se na floresta e encontram uma bruxa, que prevê que Washizu será rei e que será sucedido pelos herdeiros de Miki. É então que Washizu mata o seu senhor, Kuniharu Tsuzuki, e Miki.

A bruxa prevê agora que ele estará a salvo enquanto a floresta não se puser em movimento. Mas o filho de Miki ataca o castelo de Washizu, usando as árvores da floresta como camuflagem. O filho de Washizu nasce morto, a sua mulher enlouquece e ele é traído pelos seus homens.



Adaptação livre de Macbeth de William Shakespeare, O Trono de Sangue introduz pequenas diferencas em relação à peca e acrescenta novas cenas.

Festivais e Prémios:

Festival Internacional de Veneza 1957 - Nomeado ao Leão de Ouro

"Com A Fortaleza Escondida (1958) e Donzoko (1957), este filme compõe a minha trilogia de filmes históricos. O grande problema consistia em adaptar Macbeth ao estilo japonês.

Os sortilégios são diferentes no Ocidente e no Japão. Adoptei pois a forma do nô. É um formato que não tem qualquer complexidade. A encenação, os comportamentos das personagens e o seu lugar em cena, tudo foi realizado com esse propósito. Para isso fizemos o mínimo possível de grandes planos, e privilegiámos os planos de conjunto. Mesmo nas cenas mais intensas, a câmara não se aproxima das personagens. Os técnicos ficavam perplexos perante este novo mise-en-scène."

Akira Kurosawa

"O Macbeth [de Kurosawa] não é grandioso. Ele é, desde o início, obsessivo, compulsivo, tão profundamente atemorizado que mata para garantir que não é morto. É um homem pequeno, a quem falta grandeza precisamente por não estar dividido entre desejos. É movido pela ambição e nós assistimos, impassíveis, à sua ascensão e queda. Ao mesmo tempo, Kurosawa ilustrou tão prodigiosamente esta queda, indicou tão subtilmente os paralelismos, os significados escondidos, preparou de forma tão artística as armadilhas e as rasteiras e - ao fazê-lo - explicou tão absolutamente o padrão, que este se transformou num conto com uma verdadeira moral da história."

Donald Richie, The Films of Akira Kurosawa